

CRIANÇAS TRANSGÊNERO NA ESCOLA: UM DESAFIO PARA O PROFESSOR

Cleuma Bispo Cardoso Gramendola
Rita da Cássia Angelo da Silva

Centro Universitário Facex – UNIFACEX
cleumacardoso@hotmail.com

Resumo: O termo gênero designado a uma série de expectativa de implicações sociais baseadas nas características, físicas (principalmente a genitália) com vias a dividir a sociedade humana em dois grandes grupos: homens e mulheres. Esta pesquisa surgiu a partir de um debate iniciado em sala de aula sobre a posição do professor quanto a essa temática, e se justifica na premente necessidade de abordar o assunto em questão, para tentar ajudar na compreensão do tema transgênero aos professores em sala de aula. Ao iniciarmos a pesquisa, surgiram as seguintes perguntas que nortearam o nosso trabalho: A escola tende a explicar as normas sociais dominantes quanto à questão de gênero? O professor está preparado para receber essas crianças em sala de aula? Há um preparo das escolas sobre como lidar com essas questões sem preconceito? A partir dos questionamentos levantados, o objetivo desse trabalho científico é descrever os conceitos sobre gênero, para esclarecimento dos professores sobre as questões da diversidade sexual - na sociedade e no ambiente escolar em particular -, a fim de que promovam uma preparação para situações em sala de aula, com alunos supostamente transgênero. Quanto à metodologia, classifica-se esta pesquisa como descritiva quanto aos seus objetivos; de cunho qualitativo, tendo como técnica de coleta de dados uma pesquisa bibliográfica em artigos, livros, vídeos, relatos biográficos. As informações obtidas, mostram que sabemos pouco sobre o assunto. Que ainda existem muitos preconceitos, exclusões, violações de direitos das crianças, muitos tabus para falar na escola sobre sexualidade. O que podemos perceber, em relação aos direitos do sujeito transgênero, é que mesmo que você não aceite, tem que respeitar as leis, e, é o primeiro passo para que eles tenham os seus direitos respeitados, o que na maioria das vezes não acontece.

Palavras-chave: Educação, Crianças transgêneros, Gênero.

1. INTRODUÇÃO

A palavra *Gênero* pode ser definida como um conceito das ciências sociais, que surge com maior força no interior do pensamento feminista visando superar dificuldades do uso da categoria “mulher”. Entretanto, compartilha vários dos pressupostos da luta feminista em favor do reconhecimento desse sujeito político “mulher” e da sua opressão específica, diz respeito às diferenças socialmente atribuídas ao feminino e ao masculino, cujas marcas se inscrevem, sobretudo, nos corpos das pessoas.

Já faz algumas décadas que a escola encontra respaldo na legislação para uma educação sexual oferecida pela escola. De forma geral, a sociedade brasileira tem caminhado em busca de encontrar maneiras de inserir discussões sobre sexualidade na educação, tais como: os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's, a Lei de Diretrizes e Bases – LDB, palestras e debates que, muitas vezes, geram muita polêmica sem que seu objetivo seja alcançado.

Há na nossa sociedade vários padrões comportamentais os quais envolvem dogmas repletos de "puritanismo" que em nada contribui para a realidade sobre o problema em questão, contudo, é preciso que a escola, através da representação do Estado, direcione esses debates de maneira satisfatória e esclarecedora de forma que os educadores estejam mais preparados para lidar com essa questão e tudo que ela abarca e ainda desfaça os inúmeros conceitos e pré-conceitos errôneos acerca da temática de gênero.

Esta pesquisa surgiu a partir de um debate iniciado em sala de aula sobre a posição do professor quanto a essa temática, e se justifica na premente necessidade de abordar o assunto em questão, para tentar ajudar na compreensão do tema transgênero aos professores em sala de aula.

Ao iniciarmos a pesquisa, surgiram as seguintes perguntas que nortearam o nosso trabalho: A escola tende a explicar as normas sociais dominantes quanto à questão de gênero? O professor está preparado para receber essas crianças em sala de aula? Há um preparo das escolas sobre como lidar com essas questões sem preconceito?

A partir dos questionamentos levantados, o objetivo desse trabalho científico é descrever os conceitos sobre gênero, para esclarecimento dos professores sobre as questões da diversidade sexual - na sociedade e no ambiente escolar em particular -, a fim de que promovam uma preparação para situações em sala de aula, com alunos supostamente transgênero.

2. A EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE GÊNERO

Nos anos 30 do século XX, uma publicação do sociólogo e antropólogo Marcel Mauss¹ chamada "As técnicas do corpo" abriu caminhos para a discussão sobre o corpo sob uma perspectiva não só biológica, mas também psicológica e social. Segundo ele, a forma como nos relacionamos com nossos corpos não diz respeito apenas de fatores biológicos, mas de elementos psicológicos e sociais.

Ainda segundo o autor, homens e mulheres recebiam por "imitação prestigiosa", como a criança que imita o adulto, técnicas corporais que se diferenciariam singularmente de acordo com o sexo sob o qual estariam demarcados. Ou seja, crianças têm educações diferentes, assim como são

¹ Marcel Mauss (1872-1950) foi um sociólogo e antropólogo francês. Considerado o pai da Antropologia Francesa deixou importantes artigos para a Sociologia e a Antropologia Social Contemporânea. Formou-se em Filosofia e especializou-se em História das Religiões. Sobrinho do sociólogo Émile Durkheim, estudou com o tio e foi seu assistente. Participou da formação do que seria mais tarde conhecido como a Escola Sociológica Francesa, da qual Émile Durkheim foi o criador. Disponível em: https://www.ebiografia.com/marcel_mauss. Acessado em: 10/09/2017.

direcionadas a desempenhar atividades variadas, ainda nos dias atuais, continua-se censurando a menina que se senta com as pernas abertas, embora não o fazemos com os meninos.

Após esse primeiro direcionamento em relação a um estudo sobre gênero, Gayle Rubin², em 1975, utilizou o conceito de “gênero” na Antropologia. Rubin (1975) inaugura o conceito de sistema sexo/gênero, sobre os quais se convencionou a separação daquilo que é masculino do que é feminino, também trouxe à luz as discussões sobre o chamado sexo biológico, da identidade de gênero etc.

No Brasil, guiados pelo feminismo, essas discussões começam a aparecer, mais enfaticamente, na década de 1970. Surgem nesse momento as críticas à subordinação histórica de mulheres a homens, além de também questionarem a constatação e reforço de diferenças entre homens e mulheres e, conseqüentemente, dos papéis sociais atribuídos a cada um.

A partir de 1990, Thomas Laqueur³, que recebeu influências de Michel Foucault⁴, começa a discutir e problematizar a construção da diferença sexual, ao longo dos séculos. Centra suas pesquisas, inicialmente, no modelo tradicionalmente difundido do sexo único, no qual o corpo da mulher era, unicamente, uma versão invertida e imperfeita do corpo do homem, e exatamente por isso, menos importante.

Mas, Laqueur não parou nessa constatação, continuou e direcionou sua pesquisa para o outro modelo: o de dois sexos. Nele, o corpo da mulher seria o oposto do corpo do homem, mas não inferior a ele. Para Laqueur (2001), a diferença sexual seria construída, situacionalmente, ao longo do tempo, contextualizando relações tanto epistemológicas quanto políticas. Embora, inicialmente,

² Gayle Rubin (1949-), antropóloga estadunidense, escreveu um ensaio que marcou influência principalmente até o início da década de 90, definindo o que ficou conhecido como "sistema sexo/gênero". Disponível em: https://www.ebiografia.com/marcel_mauss. Acessado em: 10/09/2017.

³ Historiador Thomas Laqueur e professor na Universidade de Berkeley, Califórnia, é especialista em História Social e da Medicina. Em 1992, publicou o livro *Inventando o Sexo - Corpo e Gênero dos Gregos a Freud*, lançado pela Relume-Dumará. Ele é formado em Filosofia pelo Swarthmore College, mestre pela Princeton University, e obteve seu Ph.D. na Princeton University. Disponível em: ww.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com. Acessado em: setembro de 2017.

⁴ Foi um filósofo francês, que exerceu grande influência sobre os intelectuais contemporâneos. Ficou conhecido por sua posição contrária ao sistema prisional tradicional. Michel Foucault (1926-1984) nasceu em Poitiers, uma pequena cidade francesa, no dia 15 de outubro de 1926. Diplomou-se em Psicologia e Filosofia. Ensinou filosofia em universidades francesas e obteve a cátedra com o tema "História dos Sistemas de Pensamento" no Collège de France. Disponível em: https://www.ebiografia.com/marcel_mauss. Acessado em: 10/09/2017.

ele mostra como as diferenças biológicas – em um primeiro momento fixas – são também determinadas pelo contexto histórico e cultural, seu estudo evolui para a questão de que o sexo biológico não está – geralmente – distante da identidade de gênero, construída culturalmente.

Além de Laqueur, nos idos de 1990, outro nome também contribuiu para os estudos na área de gênero, a filósofa Judith Butler, que entende que tanto sexo biológico quanto gênero seriam matéria para a teoria social⁵. Para essa autora, embora o binarismo de gênero (masculino/ feminino) não dê conta da complexidade da realidade, espera-se que na existência de um pênis o indivíduo seja, portanto, um homem, e por consequência sinta atração por mulheres. De acordo com esse sistema regulador, não caberiam outras práticas e tampouco outros gêneros. Para essa autora, não basta falar sobre o binarismo do sexo sob a perspectiva biológica, apenas. Ela questiona: e as Transidentidades?. Butler acredita que há que se considerar o potencial político de experiências impensáveis (gêneros ininteligíveis).

3. A ENSINO DA SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Podemos afirmar que o ato de educar compreende vários processos, institucionalizados ou não, que tem como objetivo transmitir determinados conhecimentos e padrões comportamentais, a fim de garantir a continuidade da cultura de uma sociedade. Mas, sabe-se que esta não é uma tarefa simples e nem fácil.

Compreende assistir diversas áreas da vida do educando. E uma dessas áreas diz respeito à sexualidade. Embora, sendo tradicionalmente relegada às famílias, a educação sexual – amparada em legislações e decretos – vem sendo discutida nas escolas, ainda que timidamente, e fornece direcionamento e entendimento sobre muitas questões.

Entretanto, mesmo tendo avanços nessa área, a questão das identidades de gênero ainda é um grande tabu, nas escolas. Muitas vezes, os professores não sabem como agir diante de um aluno com alguma diferença daquilo que é socialmente aceito. O professor – despreparado – não sabe como tratar, ou até a nomenclatura mais correta para se referir ao aluno, consequentemente, também

⁵ Teoria social é uma ferramenta essencial para a análise da sociedade, que se constrói teórico-conceitualmente através de estudos interdisciplinares, que incluem a Sociologia, a Antropologia, a Geografia, a Psicologia, a Economia, a Ciência política e a Filosofia. Essa teoria não exclui a pesquisa empírica, em qualquer área das ciências humanas e sociais, podendo até mesmo ser uma forma de pôr os fenômenos em um contexto teórico que os esclareça melhor. ARON, Raymond. **As etapas do Pensamento Sociológico**. (tradução Sérgio Bath). São Paulo: Martins Fontes, 1998.

não saberá como orientar aos demais alunos e a partir daí, certamente poderão surgir situações graves de preconceito.

A resolução de nº 12, de 16 de Janeiro de 2015, estabeleceu parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e de transexuais – e todos aqueles que tenham uma identidade de gênero reconhecida em diferentes espaços sociais – nos sistemas e instituições de ensino.

Com base na resolução e baseada no artigo 5º da constituição Federal, que estabelece a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza – entendendo-se aqui inclusive as diferenças quanto a sexo, orientação sexual e identidade de gênero. A resolução também está baseada em documentos e tratados Internacionais e Nacionais, São eles:- Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948);- Pacto Internacional de Direitos Civis e Políticos (1966); - Pacto Internacional dos Direitos Econômicos, Sociais e Culturais (1966); - Protocolo de São Salvador (1988) e ainda a Declaração da Conferencia Mundial Contra o Racismo, Discriminação Racial, Homofobia e intolerância Correlata (Durban 2001).

Para que os professores estejam cientes dos direitos dessas crianças, que são indefesas e precisam de nossos cuidados, para que não sejam mais uma vítima das pessoas que são preconceituosas ou por não saber o que real significado da palavra transgênero, os artigos ainda estabelecem na resolução de nº 12, de 16 de janeiro de 2015, vejamos:

Do Art. 1º ao art. 5º - deve ser garantido pelas instituições e redes de ensino, em todos os níveis e modalidades o reconhecimento, adoção e tratamento oral do nome social, em qualquer circunstância daquele ou daquela que solicitar, não cabendo qualquer tipo de objeção de consciência. Recomenda-se a utilização do nome civil para emissão de documento oficiais, garantindo a referência ao nome social, com ou maior destaque. Mas instrumentos internos de identificação, uso exclusivo do nome social. Muitos vivem com o constrangimento de já ter passado pela transformação, de menino para menina e continua com o nome, dificultando ainda mais o processo.

Do art. 6º ao art. 9º - deve ser garantido o uso de banheiros, vestiários e demais espaços de acordo com a identidade de gênero de cada sujeito. Caso haja distinção de uniforme e demais indumentária, deve ser facultado o uso de vestimentas conforme a identidade de gênero. A identidade de gênero deve ser estendida a estudantes adolescente, sem que seja obrigatória a autorização do responsável. Estas obrigações se aplicam também a concursos, inscrições, entre outros. Como professores, devemos estar cientes sobre essa lei, para que possamos passar para nossos alunos o respeito pelo outro, e informar que existe leis que lhe dar o direito de ir e vim, e que não é uma questão de escolha. (BRASIL, Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015).

Essas legislações podem não solucionar ou alcançar todas as questões relacionadas a esse assunto, mas é certo que já é um grande passo no caminho de uma discussão sobre essa temática.



4. METODOLOGIA

Quanto à metodologia, classifica-se esta pesquisa como descritiva quanto aos seus objetivos; de cunho qualitativo, tendo como técnica de coleta de dados uma pesquisa bibliográfica em artigos, livros, vídeos, relatos biográficos.

5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O estudo de Kennedy (2008) fez uma análise sobre a idade média em que as pessoas trans se tornam conscientes de que são transgênero, e sua pesquisa revelou que geralmente é aos 8 anos de idade, o trabalho de pesquisa mostrou também que mais de 80% das pessoas transgênero se tornam conscientes de que são trans antes de deixarem a escola primária.

Mesmo tendo sido realizado em outro país, pode-se fazer uma analogia sobre a situação das crianças que ainda em tenra idade precisam lidar com essa situação incomum com respeito a suas identidades sexuais.

É recorrente no estudo citado, a repetição das mesmas falas:

“Eu costumava sonhar que Deus percebera que estava errado e que eu acordaria como uma menina”. “Eu costumava ir para a cama e rezar para que eu acordasse com tudo em seu devido lugar”. “Eu costumava chorar até dormir, desejando que eu acordasse como uma menina de cerca de 7 anos de idade”. Aqui, as respostas sugerem que as crianças transgênero parecem estar começando a internalizar a percepção de que elas são o problema, que há algo de errado com elas, embora, nesta fase, Deus seja o culpado. A seguinte descrição vívida da primeira experiência escolar de uma criança também sugere que, para as crianças mais novas, a culpa por sua situação ainda não está internalizada: “Foi o meu primeiro dia na escola e mandaram os meninos fazerem fila à direita e as meninas fazerem fila à esquerda. Eu fui para a esquerda, mas ‘eles’ me mandaram para a fila da direita. Eu me lembro de ter chorado o dia todo porque ‘eles’ entenderam errado” (KENNEDY, 2008, pág. 5)

Uma forma de dirimir e começar a aprender a lidar com essas questões de gênero nas escolas é entender como se dão as variedades com relação à sexualidade humana. Sobre isso, o quadro traz algumas orientações:

| | |
|-------------|---|
| Transgênero | Sujeito que tem uma identidade de gênero, diferente do seu sexo atribuído biologicamente. |
| Gênero | O conceito que define o seu sexo biológico, é o que o médico vê quando você nasce, |

| | |
|----------------------|---|
| | este conceito está amparado em construções socioculturais. |
| Identidade de gênero | Significa o gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o sexo biológico, independe do órgão do seu nascimento. |
| Orientação Sexual | A definição relaciona-se com o desejo sexual, com atração. |
| Sexo | Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. |
| Bissexual | Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero. |
| Bigênero | Pessoa que pode ser homem ou mulher ao mesmo tempo. Essa identidade é uma combinação dos dois gêneros, mas não obrigatoriamente uma divisão, meio, a meio, pois quem se sente assim vive cada um desses gêneros por inteiro. |
| Heterossexual | Pessoa que sente-se atraído afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica. |
| Homossexual | Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica. |
| Assexual | Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero. |
| Crossdresser | Sujeito que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras. |
| Transexual | O termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica. |
| Homem transexual | Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. |

| | |
|---------------------------------------|--|
| Mulher- transexual | Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. |
| Travesti | Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento. |
| Transformista ou Drag Queen/Drag King | Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual. |
| Andrógino | Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero. |

Fonte: Construído pelas autoras, a partir de KENNEDY, 2010

Essas informações servem para melhor direcionar o entendimento sobre o tema. O entendimento dos professores, muitas vezes, é raso sobre sexualidade. Carvalho (2004,pág,1) diz que “sexualidade pode ser defendida como as nossas preferências ou experiências sexuais, não necessariamente "de acordo" ou ligada com o sexo que possuímos; se difere do sexo justamente por isso: o termo "sexo" envolve uma definição mais anatômica”. Assim, o entendimento precisa ser aprofundado para ser entendido.

6. CONCLUSÃO

As informações obtidas, mostram que sabemos pouco sobre o assunto. Que ainda existem muitos preconceitos, exclusões, violações de direitos das crianças, muitos tabus para falar na escola sobre sexualidade.

O que podemos perceber, em relação aos direitos do sujeito transgênero, é que mesmo que você não aceite, tem que respeitar as leis, e, é o primeiro passo para que eles tenham os seus direitos respeitados, o que na maioria das vezes não acontece.

As legislações afirmam que, quando a instituição ou a rede de ensino não se dirige a esses e essas estudantes utilizando o nome social que reflete sua identidade de gênero, nega-lhe o reconhecimento de sua própria identidade, contribuindo inclusive para torná-la /o mais vulnerável a situações de violência e discriminação. Vale também destacar que, em 2014, pela primeira vez, travestis e transexuais puderam usar seu nome social no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Todos nós temos direitos, e isso também diz respeito aos transgêneros, pessoas que nasceram com o corpo diferente da sua identidade, para ficar mais claro, genitália diferente de como eles se reconhecem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em 20 mar.2016.

_____, Decreto Nº 7.388, de 9 de dezembro de 2010. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7388.htm. Acesso em 24 fev.2016.

_____, Lei nº 6.015, de 31 de Dezembro de 1973. Lei de Registros Públicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L6015compilada.htm. Acesso em: 30 jul. 2016.

_____, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em 23 abr.2016.

_____, Lei no 10.406, de 10 de Janeiro De 2002. Código Civil (2002). Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110406.htm. Acesso em 20 mar.2016.



_____, Lei n° 12.986, de 02 de junho de 2014. Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L12986.htm. Acesso em 20 fev. 2016.

_____, Secretaria de Direitos Humanos. Conselho Nacional de Combate à Discriminação de LGBT (CNCD/LGBT). Disponível em:<http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt>. Acesso em 24 fev.2016

_____, _____Resolução n°12, de 16 de janeiro de 2015. Disponível em:<http://www.sdh.gov.br/sobre/participacao-social/cncd-lgbt/resolucoes/resolucao-012>; Acesso em 30 abr. 2016

_____. Ministério da Educação. Gênero e diversidade na escola. Disponível em:http://estatico.cnpq.br/portal/premios/2014/ig/pdf/genero_diversidade_escola_2009.pdf. Acesso em 29 mar.2016.

_____.**Orientações técnicas de educação e sexualidade para o cenário brasileiro:**tópicos e objetivos de aprendizagens. - Brasília: UNESCO, 2013

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. **Pierre Bourdier sobre gênero e educação**. Revista Ártamis, João Pessoa, 2004.

KENNEDY, N. **Crianças Transgênero: mais do que um desafio teórico**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências da UFRN, v. 11, n. 2, p. 1-41, 2010.

KENNEDY, N. **Transgendered children in schools** – a critical review of homophobic bullying: safe to learn, embedding anti-bullying work in schools. Forum, volume 50, número 3, pp. 383-396, 2008. Tradução Valéria Amado